

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Orquestra Sinfônica de Poá

E o conceito de cultura pela Secretaria de
Cultura Municipal

Fernanda Barbosa Firigato

Novembro de 2015

Trabalho de Conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura produzido sob orientação do Profº Dr. Silas Nogueira.

ORQUESTRA SINFÔNICA DE POÁ – e o conceito de cultura pela Secretaria de Cultura Municipal¹

Fernanda Barbosa Firigato²

RESUMO

O objetivo do artigo é verificar qual a concepção de cultura que está inserida na Secretaria Municipal de Cultura, uma vez que a Orquestra Sinfônica Jovem de Poá – OJEHP – tem realizado poucas apresentações na cidade, em relação às demais programações culturais. Além disso, a partir desse entendimento será analisado como as políticas culturais do município são tratadas através das concepções do erudito e popular dos eventos culturais. Tais dados resultam na análise crítica de como são tratadas as frequências e preferências de uma pasta governamental que gere, culturalmente, a vida da cidade e da população.

Palavras-chave: Concepção de cultura; Orquestra; Políticas culturais; Erudito; Popular.

ABSTRACT

The purpose of this article is to identify what is the conception of culture that is included in Culture Department of the City, since the Young Symphonic Orchestra of Poá has performed few presentations in the city comparing to the others culture programs. Besides, from this concepts, it will be analyzed how the culture policy are treated trough the ideas of erudite and popular from the culture events. These data results in critical analysis of the frequency and preferences of a Governmental Department which rules, culturally, the life of the city and its population.

Keywords: Culture conception; Orchestra; Culture policy; Erudite; Popular.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos.

² Pós graduado em Gestão de Projetos Culturais e Eventos.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a análise crítica do conceito de cultura presente na Secretaria de Cultura de Poá, região do Alto Tietê de São Paulo. A investigação está fundamentada no baixo número de apresentações da Orquestra Sinfônica Jovem de Poá, um projeto concebido pela prefeitura em 2008 e que, desde então, conforme dados de publicações da secretaria, tem estado ausente nas atividades culturais do município, em comparação com as demais. A partir deste entendimento, a pesquisa observa de que forma são concebidas as políticas públicas culturais na cidade e como são tratadas as questões entre o erudito e popular.

Para tais entendimentos, o trabalho baseou-se em conceitos de autores no campo da cultura e políticas culturais. No entendimento sobre as concepções de cultura, esta pesquisa fundamenta-se nos conceitos dados por Thompson, que se dedica à visão cultural por meio da produção simbólica. Chauí apresenta sua concepção de cultura a partir de ações que o Estado pode estabelecer.

Eagleton também contribui no conceito de cultura com a ótica sobre o papel do Estado ao lidar com as questões culturais. E, neste sentido, a pesquisa trata de pensamentos ideológicos e hegemonias do Estado através da ótica do crítico Gramsci.

Ao lidar com as definições de erudito e popular na cultura, os autores que contribuíram foram, mais uma vez, Chauí, cuja percepção está baseada na relação do Estado e conformismo e resistência da população; Eagleton, com a sustentação do papel do Estado para o que é tido como erudito e popular e Canclini, o qual apresenta dados sobre a realidade vivida na América Latina sobre tal assunto. Além disso, a contribuição de Moraes estabelece relação entre música e seu crítico.

Nas concepções de políticas públicas culturais Botelho apresenta duas dimensões que podem ser aderidas pelos grupos dirigentes, as quais são: a antropológica e a sociológica. Chauí apresenta sua concepção de cultura a partir da perspectiva de cidadania cultural e como fazer valer os direitos culturais do cidadão.

Lima, Ortellado e Souza apresentam quais as modalidades de políticas, normalmente, são aderidas pelos governos e no que elas estão pautadas. Nessa lógica, Rubim aponta quais os modelos de políticas ainda são aderidos no Brasil, por mais que elas estejam baseadas em

critérios monárquicos. E por fim, Calabre expõe sobre como deve ser uma democracia participativa culturalmente.

A partir da fundamentação teórica do trabalho, as análises estão baseadas em pesquisa de dados das atividades culturais da cidade de Poá e entrevistas com Secretário de Cultura Municipal, maestro da orquestra, integrantes de uma das escolas de samba da cidade e membros da Comunidade Negra de Poá. Desta forma, pretende-se compreender quais as concepções que estão gerindo as atividades da cidade e se as políticas culturais estão postas diante dos conceitos estabelecidos na pesquisa.

2. MARCOS CONCEITUAIS

2.1. Entendimento sobre o conceito de cultura

Os conceitos de cultura passaram por várias modificações ao longo do tempo e suas interpretações foram transformadas de acordo com seus contextos históricos. Parte-se, nesta pesquisa, pelo entendimento de cultura do teórico Thompson em seus escritos sobre “Ideologia e cultura moderna” de 1995.

Thompson (1995, p. 166) cita que no século XVII e XIX “o termo ‘cultura’ era, geralmente, usado para se referir a um processo de desenvolvimento intelectual ou espiritual, um processo que diferia, sob certos aspectos, do de ‘civilização’”, isto é, o que o autor chama de “Concepção Clássica de Cultura”.

Para as fases da cultura, por assim dizer, o autor explicita que no continente europeu a palavra cultura denominava o “cultivo ou cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais”. (THOMPSON, 1995, p. 167) No início do século XIX o termo era usado como sinônimo de ‘civilização’. Civilização foi empregada na França e na Inglaterra para descrever o desenvolvimento humano que se opunha a barbárie, no século XVIII. (idem).

Já as concepções desenvolvidas pelo autor atentam para duas abordagens do conceito de cultura, a concepção descritiva e a simbólica. Thompson (1995, p. 166) descreve que “a concepção descritiva de cultura refere-se a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de

um período histórico”. Já a concepção simbólica “muda o foco para um interesse com o simbolismo: os fenômenos culturais, de acordo com essa concepção, são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica”. (idem).

O autor também acrescenta em seus estudos a “concepção estrutural da cultura” em que “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Em uma discussão das relações de poder e a cultura, a qual Thompson também faz uma abordagem, o autor Eagleton define que

a cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio. No entanto, a cultura pode ficar também desconfortavelmente próxima demais. Essa própria intimidade pode tornar-se mórbida e obsessiva a menos que seja colocada em um contexto político esclarecido, um contexto que possa temperar essas imediações com afiliações mais abstratas, mas também de certa forma mais generosas. (EAGLETON, 2005, p. 184).

Eagleton (idem) ao citar que a “a cultura deve ser colocada em um contexto político esclarecido” faz referências às relações de poder e a cultura, e que, nesse sentido, há relação entre cultura e política. Essa relação também é dita por Thompson (1995, p. 179) quando cita que “os fenômenos culturais também estão implicados em relação de poder e conflito”, isto é

as ações e manifestações verbais do dia a dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte são sempre produzidas ou realizadas em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. (THOMPSON, 1995, p. 179).

Para aprofundar a discussão da relação entre cultura e poder, parte-se da perspectiva utilizada por Antônio Gramsci e suas definições sobre hegemonia e conceito ampliado de Estado. Hegemonia para Gramsci “significa o predomínio ideológico dos valores e normas burguesas sobre as classes subalternas” (CARNOY, 1988, p. 90).

Gramsci relata que o predomínio ideológico dos valores burgueses é aderido pelo Estado, o qual passa a “promover um conceito (burguês) único da realidade” (idem) e que a

partir disso, o Estado ganha um papel ampliado, segundo a visão gramsciana. Segundo ele, a hegemonia burguesa estava inclusa no Estado pela superestrutura. (CARNOY, 1988, p. 91).

Para os conceitos de estrutura e superestrutura, o autor considera que “o conceito de Marx da sociedade civil como o momento estrutural pode ser considerado o ponto de partida da análise de Gramsci” (CARNOY, 1988, p. 92). E que, portanto, para Marx e Gramsci

a sociedade civil é o fator chave na compreensão do desenvolvimento capitalista, mas para Marx a sociedade civil é estrutura (relação na produção). Para Gramsci, ao contrário, ela é superestrutura, que representa o fator ativo e positivo no desenvolvimento histórico; é o complexo das relações ideológicas e culturais, a vida espiritual e intelectual, e a expressão política dessas relações torna-se o centro da análise, e não a estrutura” (CARNOY, 1988, p. 93)

Neste sentido, Chauí (1986, p. 21) cita que a visão gramsciana inova quando passa a

considerar que o conceito de hegemonia inclui o de cultura como processo social global que constitui a ‘visão de mundo’ de uma sociedade e de uma época, e o conceito de ideologia como sistema de representações, normas e valores de classes dominantes que ocultam sua particularidade numa universalidade abstrata (idem).

Eagleton (2005, p. 18) insere uma ideia de interesses políticos nesta discussão ao afirmar que “são os interesses políticos que, geralmente, governam os culturais, e ao fazer isto definem uma versão particular da humanidade”. Portanto, ao discutir o papel do Estado em relação à cultura, o autor (2005, p. 16) entende que “para que o Estado floresça, precisa inculcar em seus cidadãos os tipos adequados de disposição espiritual; e é isso o que a ideia de cultura ou Bildung significa”.

Marilena Chauí (2006, p. 134) apresenta essa visão às políticas culturais no Brasil dizendo que cultura é tratada como antidemocrata, pois “procura capturar toda a criação social da cultura sobre o pretexto de ampliar o campo cultural público, transformando a criação social em cultura oficial, para fazê-la operar como doutrina e irradiá-la para toda a sociedade”. Além disso, a autora (idem) ressalta que “o Estado se apresenta como produtor de cultura, conferindo a ela generalidade nacional ao retirar das classes sociais antagônicas o lugar onde a cultura efetivamente se realiza”.

Chauí (2006, p. 131) destaca que a partir do século XX a visão de cultura que era mantida pelo capitalismo ocidental, começa a se transformar, pois, neste momento, o intrínseco de cada cultura começa a ser exaltado, “desta forma, cada grupo cultural ganha sua

própria individualidade, o que abandona a crítica sobre o que deve ser seguido culturalmente como um modelo padrão” (idem).

Segundo ela, para romper a realidade brasileira vivida na cultura, em que o Estado coloca-se como produto da cultura em que “exprime a divisão e a multiplicidade sociais” (CHAUÍ, 2006, p. 135) é necessário

“retomar a concepção antropológica abrangente – a cultura como prática social que institui um campo de símbolos e signos, de valores e comportamentos -, acrescentando, porém, que há campos culturais diferenciados no interior da sociedade, em decorrência da divisão social das classes e da pluralidade de grupos e movimentos sociais”. (idem).

Em relação aos campos culturais decorridos pela divisão de classe, aborda-se sobre o surgimento do chamado Erudito e Popular.

2.2. Entre o erudito e o popular

A diferença entre o popular e erudito passa por uma questão de divisão de classes. Esta divisão entre a classe dominante e a trabalhadora é que resulta nas diferenças culturais. Isto porque a classe dominante quer cada vez mais demarcar esta divisão entre a elite e a massa. Desta forma, tudo o que a elite quer é distanciar-se do povo, por isso, como detentora do poder, instaura o que é chamado de “culto” em suas opções e modo de vida. Assim, tudo o que é do povo é posto como popular, pois não pertence ao que a elite abrangeu em suas opções de distanciamento cultural.

Chauí (1986) deixa isso (isto) claro quando cita que

em sentido restrito, isto é, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular (CHAUÍ, 1986, p. 14).

O que para Canclini (2008) a cultura letrada, na América Latina, inicia-se com ondas de modernização que tiveram início

no final do século XIX e no início do XX, impulsionadas pela oligarquia progressista, pela alfabetização e pelos intelectuais europeizados; entre os anos 20 e 30 deste século, pela expansão do capitalismo e ascensão democratizadora dos setores médios e liberais, pela contribuição de migrantes e pela difusão em massa da escola, pela imprensa e pelo rádio;

desde os anos 40, pela industrialização, pelo crescimento urbano, pelo maior acesso à educação média e superior, pelas novas indústrias culturais. (CANCLINI, 2008, p. 67).

Para Chauí (1986) quando os que detêm o poder, seja o Estado ou grupos elitistas, iniciam esta onda de modernização e assimilação cultural da classe trabalhadora, é com intuito de regulação. (CHAUÍ, 1986, p. 89)

A erudição não acontece espontaneamente, mas com uma intenção particular e, muitas vezes, é realizada pelo Estado. (EAGLETON, 2005, p. 16). Além disso, o autor afirma que “para que o Estado floresça, precisa incutir em seus cidadãos os tipos adequados de disposição espiritual” (idem).

Essa intenção de elevação espiritual criada pelo Estado é uma intenção de igualar a humanidade em apenas uma única massa homogênea. Segundo Eagleton (2005), isto acontece porque “são os interesses políticos que, geralmente, governam os culturais” (EAGLETON, 2005, p. 17).

Estes interesses podem ser representados, por exemplo, pelo tipo de política que será desenvolvida pelo Estado, isto é, quais serão adotadas e quais não. Neste sentido, também está inserido como tais políticas serão abordadas pelos governantes. No caso da música, particularmente, Moraes (1983, p. 14) observa que ela “às vezes colabora, enquanto manifestação individualista, para que exista mais diferença entre as diferentes faixas da sociedade dividida em classes”.

Isto acontece, segundo o autor, porque quem está no papel do crítico de música, seja ele o Estado, a pessoa do setor privado, ou qualquer que se coloque neste papel e que se pretende como

dono da verdade (ou aquele que, a partir de certa área musical, denigre as demais) não deixa de ter o seu lado ingênuo. É ele quem costuma errar com maior frequência em seus arrazoados. Por certo porque não se dá conta de que, em termos universais, o fenômeno musical é extremamente complexo de ser definido, fantasticamente variado ao ponto de rejeitar abordagens estreitas. (MORAES, 1983, p. 56).

Tal atitude acontece quando o “crítico de música” acredita, e coloca em prática, apenas a música erudita ocidental como a única que deve ser ouvida. Ou seja, este crítico renega qualquer possibilidade musical que se distancie da orquestrada. (MORAES, 1983, p. 18).

Além disso, surge um pensamento de que os ouvintes “não preparados culturalmente” para a música orquestrada não terão uma interpretação total do que é apresentado, e assim, rechaçam como popular – como inferioridade – o que eles são acostumados a ouvir.

A respeito dos ouvintes, Chauí (1986, p. 10) apresenta uma informação de que “no Brasil, fala-se, por exemplo, em música popular para designar todo o campo musical que escapa da chamada música erudita, mas nem sempre compositores e ouvintes pertencem às chamadas ‘camadas subalternas’ e sim à classe média urbana”. O que se observa que essa crítica torna-se sem fundamentação.

Vê-se que tais afirmações também estão presentes nos setores públicos e, dependendo de suas interpretações sobre qualquer campo do saber cultural há reflexos nas composições das políticas. Por isso, reflete-se sobre políticas públicas culturais.

2.3. Políticas públicas culturais

Os estudos sobre política pública iniciam-se com pesquisas pioneiras sobre administração pública nos Estados Unidos. O professor Woodrow Wilson, cujo iniciou tais estudos, tinha a preocupação na criação de uma base sem influências de partidos na classe administrativa estatal. (SARAVIA, 2006, p. 22).

Saravia comenta que na perspectiva da política pública, as atividades estatais começam a ser crescente e dinâmica por influências da globalização por meio da internet, pois houve um aumento na interação entre empresas e organizações nacionais e internacionais. (SARAVIA, 2006, p. 24).

Diante das informações apresentadas o autor define políticas públicas como

um fluxo de decisões públicas, orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios destinados a modificar essa realidade. Decisões condicionadas pelo próprio fluxo e pelas reações bem como pelos valores, ideias e visões que influem na decisão. (SARAVIA, 2006, p. 28).

Isto é, segundo Saravia (2006, p. 29), as políticas públicas servem para “consolidação da democracia, justiça social, ações preventivas ou corretivas da realidade”.

Em relação à mudança da realidade na perspectiva cultural, Botelho (2001, p. 76) afirma que “a cultura perpassa obrigatoriamente todos os aspectos da vida e da sociedade e de que, sem ela, os planos de desenvolvimento sempre serão incompletos”. Ou seja, qualquer planejamento realizado pelo Estado, por exemplo, desconsiderando o ponto de vista da cultura, considera-se que sua idealização será falha.

Além disso, Botelho (2001, p. 74) apresenta duas dimensões para pensar políticas públicas culturais; sociológica e antropológica. As quais, segundo a autora, demandam diferentes estratégias quando postas em prática, afinal “na dimensão antropológica a cultura se produz através da interação social dos indivíduos”, enquanto que na dimensão sociológica “é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (idem).

Neste sentido, Chauí (2006, p. 66) apresenta as concepções que desenvolveu em sua atuação na gestão da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, nos anos 1990, como a de Política de Cidadania Cultural, a qual é “a cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação”.

Para que a secretaria colocasse esta concepção em prática cujos direitos seriam, entre muitos outros, os de fruição dos bens culturais, participação das decisões, produção cultural, experimentação das artes, formação cultural e artística, a gestão de Marilena Chauí rejeitou três concepções de política cultural. (CHAUÍ, 2006, p. 70).

As políticas não aderidas ao projeto da secretaria foram a da cultura oficial produzida pelo Estado, a populista e a neoliberal, e suas definições são:

- **Cultura oficial produzida pelo Estado:** é uma concepção ideológica firmada pelo grupo dirigente, o qual impõe as formas e conteúdos culturais que a sociedade deve seguir, tornando-se produtor da cultura. (CHAUÍ, 2006, p. 67).
- **Populista:** forma pedagógica de apropriar-se da cultura popular para transformá-la e restabelecê-la para a população como verdades nacionais – uma forma de controle –, bem como distinguir cultura erudita e cultura popular. (idem).
- **Neoliberal:** é quando o papel do Estado é minimizado, pois a indústria cultural e o mercado começam a definir as prioridades culturais neste modelo de gestão. (CHAUÍ, 2006, p. 68).

Ao referir-se sobre as concepções abordadas pelo Estado ao gerir as pastas culturais, além das já citadas, Lima, Ortellado e Souza (2013) apresentam duas concepções que, geralmente, são adotadas pelas administrações governamentais. As políticas clássicas de produção e difusão cultural.

Tabela 1: Políticas clássicas de produção e difusão cultural

Modalidade de Política	Conceito de Cultura	Objetivo	Instrumento de Intervenção
Democratização cultural	Cultura como belas artes	Ampliar o acesso à cultura consagrada	Centros culturais orientados à difusão
Políticas de democracia cultural	Cultura como modo de vida	Apoiar a produção simbólica dos diversos segmentos sociais	Fomento à cultura popular e comunitária

Fonte de dados: LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; ORTELLADO, Pablo; SOUZA, Valmir de. O que são as políticas culturais?: Uma revisão crítica das modalidades de atuação do estado no campo da cultura. **IV Seminário Internacional – Políticas Culturais: Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa**, Rio de Janeiro, p.5, 18 out. 2013.

Lima, Ortellado e Souza (2013, p. 4) sintetizam que “a distinção fundamental das políticas culturais modernas como uma oposição entre, de um lado, a difusão da cultura consagrada, e de outro, a valorização das práticas culturais populares ou comunitárias”.

Neste ponto de vista, Rubim (2007, p. 102) destaca que no Brasil as políticas culturais nascem com características da monarquia portuguesa que negava “as culturas indígenas e africanas e bloqueava a ocidental, pois a colônia sempre esteve submetida a controles muito rigorosos como: proibição da instalação de imprensas, censura a livros e jornais vindos de fora, interdição ao desenvolvimento da educação”. O que se pode dizer que o conceito de cultura da época era o de “cultura como belas artes”.

O autor (2007, p. 103) ressalta que pela oligárquica república brasileira “apenas foram realizadas ações culturais pontuais, em especial, na área de patrimônio, preocupação presente em alguns estados”.

Rubim (2007) aponta que depois deste período o país passa pela modernização, entra em um estágio de “industrialização, urbanização, modernismo cultural e construção de um

Estado Nacional centralizado”, em que é nele cujas políticas públicas culturais ganham o sentido de financiamento.

Botelho aponta que o patrocinador privado inicia com a crise econômica nos anos de 1980. Ressalta alguns aspectos positivos dessa alternativa aderida pelo governo, tais como a mobilização dos artistas em busca de patrocínio para sua própria arte. Contudo, o ponto negativo mais alarmante é que o financiamento de projetos foi colocado como fator principal. (BOTELHO, 2001, p. 77).

A autora ressalta que “o financiamento da cultura não pode ser analisado independentemente das políticas culturais”. (idem). Uma vez que, apenas pelo financiamento de projetos, as políticas culturais tornam-se isoladas.

E para mudar esta realidade, Botelho (2001, p. 75) aponta duas soluções: “primeira, responsabilidade dos próprios interessados na exigência da presença do poder público na área cultural; segunda, delimitar claramente seu universo de atuação”.

Calabre (2007) aponta que em uma democracia participativa, a cultura

deve ser encarada como expressão de cidadania, um dos objetivos do governo deve ser, então, o da promoção das formas culturais de todos os grupos sociais, segundo as necessidades e desejos de cada um, procurando incentivar a participação popular no processo de criação cultural, promovendo modos de autogestão das iniciativas culturais. (CALABRE, 2007, p. 14).

Deste modo, pode-se superar as desigualdades e reconhecer as diferenças dos diversos grupos sociais existentes.

3. ASPECTOS DA CULTURA EM POÁ

Pensar a concepção de cultura inserida em uma unidade governamental que lida diretamente com eventos e projetos culturais de uma localidade requer uma análise de suas políticas públicas culturais e de que forma seus projetos estão integrados à realidade dos que usufruem. Para tal análise, utilizam-se as publicações no blog da Secretaria de Cultura de Poá

sobre suas atividades na cidade, bem como entrevistas com integrantes de escola de samba, componentes da comunidade negra, maestro da orquestra e secretário municipal.

Nesta pesquisa, a concepção de cultura que alinha todo o entendimento do trabalho parte das ideias do simbólico atribuídas por Thompson. Entende-se, aqui, que a cultura deve ser pensada a partir dos contextos sociais estabelecidos por suas relações e que através disto, surge o que autor chama de concepção simbólica de cultura. Isto é, a cultura começa a ser interpretada a partir de suas ações, festividades, linguagem, entre outras, para compreender qual é a estrutura social que sustenta estas manifestações. E, não apenas listar quais e quantas ações, festividades e linguagens um determinado grupo exerce.

Além disso, entender a cultura através da concepção simbólica sustenta os ideais sobre políticas públicas culturais para esta pesquisa. Afinal, busca-se encontrar ações de políticas culturais baseadas no que Botelho chama de concepção antropológica, a qual busca atribuir ações e projetos através da interação social da população. Ademais, Chauí apresenta uma política que não adotou em seu tempo de gestão que é a cultura oficial produzida pelo Estado cujas implicações estão nas ideologias aderidas pelo grupo dirigente. E esta é uma das que também se exclui neste trabalho bem como a que Rubim apresenta como política monárquica, a qual nega as culturas indígenas e africanas e que, apesar deste pensamento ser do período colonial, ainda é atuante no Brasil.

Observam-se as tipologias das atividades culturais desenvolvidas pela Secretaria de Cultura de Poá (a partir deste ponto chamada SC). O período pesquisado abrange de janeiro de 2014 a setembro de 2015.

No ano de 2015, foram desenvolvidas 48 (quarenta e oito) atividades pela SC – levantamento realizado de 1º de janeiro a 08 de setembro. Algumas seguiram e deram continuidade às programações anuais da cidade e outras foram acrescentadas nas programações mensais a pedido da população. As atividades apresentadas foram retiradas das publicações no blog da SC. Os eventos foram realizados entre dois locais da cidade, Praça da Bíblia e Praça dos Eventos. Desta forma, os programas desenvolvidos foram 12 (doze) shows musicais de cantores e bandas famosos e bandas e cantores da região. Normalmente, estes shows estão nas programações como aniversário da cidade e exposição das orquídeas; 11 (onze) apresentações de teatro infantil cujas apresentações foram repetidas pelos inúmeros pedidos recebidos pela SC; 05 (cinco) mostras de pintura em tela na Casa da Estação cujos trabalhos dos artistas, muitas vezes, são da cidade e região ou de ateliês de pintura do

município; 04 (quatro) eventos gastronômicos em que, na maioria deles, era relacionado aos *food trucks*; 03 (três) apresentações musicais que não precisavam de estruturas de grandes shows, em geral, apresentações como grupos de jazz; 03 (três) anúncios de inscrições em cursos de música, circo e artes oferecidos pela SC; 02 (duas) apresentações da OJEHP em que a primeira foi regida pelo convidado Maestro João Carlos Martins no aniversário da cidade e a segunda apresentação foi realizada em homenagem ao Dia do Cinema Brasileiro cujas músicas eram retiradas de filmes que fizeram sucesso de bilheteria; 01 (uma) programação de cinema que foi realizada mostras de filmes do Mazzaropi; 01 (um) desfile cívico na parada das orquídeas, geralmente produzido pelos alunos da rede municipal e dos integrantes das aulas de dança da SC; 01 (uma) apresentação de teatro ao ar livre dirigido pelo grupo teatral Opereta que anualmente realizam a encenação do espetáculo “Passos da Paixão” com a crucificação de Jesus Cristo; 01 (uma) exposição de orquídeas e plantas ornamentais que sempre está na programação da EXPOÁ; 01 (uma) programação anual de apresentação de ballet em um evento chamado Gala; 01 (um) festival de música popular brasileira que cantores ou bandas de Poá disputam por premiações; 01 (uma) programação de carnaval com desfile das escolas de samba da cidade; 01 (uma) programação do Circuito Sesc SP que foram oferecidas atividades nos segmentos de literatura, teatro, dança e música.

No ano de 2014, a partir das publicações disponibilizadas pela SC em seu blog, as programações culturais em Poá chegaram ao total de 63 (sessenta e três) – levantamento de dados realizado a partir de 01 de janeiro a 31 de dezembro do respectivo ano. Os eventos ocorreram nos mesmos locais de 2015, Praça da Bíblia e Praça dos Eventos. Deste modo, as programações obtidas pela SC foram 17 (dezessete) shows de artistas e bandas famosos, além dos artistas da região; 09 (nove) mostras de pintura em tela que, em sua maioria, apresentava alguma história sobre a cidade. As mostras ocorreram na Casa da Estação; 05 (cinco) apresentações de peças teatrais infantis; 05 (cinco) peças teatrais para jovens e adultos que incluem a apresentação do “Passos da Paixão”, peça com atores como Nelson Freitas e também peça com estilo musical; 03 (três) apresentações da OJEHP nas quais, uma foi para acompanhar o teatro musical e outras duas para músicas natalinas; 03 (três) publicações de inscrições para cursos de música, artes, artesanato; 02 (duas) missas programadas pela SC, a primeira em homenagem ao Santo Antônio e outra em comemoração natalina; 02 (duas) programações de circo na cidade voltado ao público infantil; 02 (duas) apresentações de ballet cujas apresentações contaram com a participação da São Paulo Companhia de Dança e da programação de Gala; 02 (duas) programações com relação a cinema; 02 (duas) exposições na

cidade, as quais eram sobre orquídeas e a respeito de máquinas inventadas por Leonardo Da Vinci; 02 (duas) apresentações de música, as quais não demandam estruturas de grandes shows; 01 (uma) programação de carnaval sem a presença das escolas de samba para desfile, apenas as marchinhas de carnaval; 01 (um) desfile cívico referente à parada das orquídeas; 01 (um) festival de música popular brasileira no qual cantores ou bandas da cidade disputam por premiações; 01 (uma) noite de autógrafos para uma escritora de livros infantis; 01 (uma) programação de festa junina que se prolongou por dezessete dias de evento; 01 (uma) programação de telão para os Jogos da Copa do Mundo com total de seis partidas assistidas; 01 (um) passeio ciclístico da primavera; 01 (uma) programação do Circuito Sesc SP na qual foram apresentados programas com temas de cinema, literatura, circo, teatro e música; 01 (uma) programação de atividades natalinas que contaram com atividades como a chegada do Papai Noel, a presença da estátua viva, coral municipal e presépio vivo.

3.1. A visão de cultura poense

Em continuidade com às análises sobre as políticas culturais aderidas por Poá e, considerando a Orquestra Sinfônica Jovem – OJEHP como objeto de pesquisa, observam-se os posicionamentos ideológicos e culturais do gestor municipal.

A OJEHP foi criada em 2008, um projeto idealizado por quatro professores de música que obtiveram o apoio do prefeito e vereadores da época. Em primeira instância, as matrículas eram abertas somente aos poenses, contudo, para não transformar a orquestra disponível apenas para um pequeno grupo de pessoas, o projeto expandiu-se e, nos dias de hoje, recebe alunos das cidades da região sem qualquer limite de idade. (ANEXO A).

Entretanto, mesmo sendo um projeto que, segundo o gestor municipal, é mantido com “carinho” pelo poder público, suas apresentações em Poá foram restritas. Como apresentado, em 2014 houve três apresentações e em 2015, duas.

Segundo informações do secretário, as apresentações da OJEHP foram mais do que duas em 2015, porém não foi notificado quantas apresentações ocorreram especificamente. Ao longo da entrevista, percebe-se que o pensamento inserido na gestão é de que o público, para assistir aos concertos da orquestra, necessita de uma mescla no repertório, isto é, além da música erudita, instrumentar a música popular. (ANEXO D).

Neste sentido, Canclini (2008, p.42) cita que quando a cultura elitista distancia-se das demais, é porque crêem que o gosto popular se opõe “ao burguês e moderno por ser incapaz de dissociar certas atividades de seu sentido prático e dar-lhes outro sentido estético e autônomo”. Além disso, afirma que para fazer essa distância mais clara, o grupo dirigente faz com que a “forma de dizer sobre o que se diz, exige do espectador uma disposição cada vez mais cultivada para compreender o sentido”. (2008, p. 50).

Segundo o entrevistado, para os moradores de Poá, a mescla é necessária porque eles nunca conheceram uma orquestra. Porém, quando se trata de algum evento de rap ou de hip hop, das periferias de Poá, para ser realizado na cidade através da SC, não existe uma iniciativa. Entretanto, são abertas vagas para grupos de rap, hip hop e outros em um concurso de bandas chamado “Poá Festival”. (ANEXO D).

Percebe-se que a visão da gestão municipal, em relação à música, é preferível disponibilizar o que é tido como erudito. Isto é, os investimentos municipais, como projetos, estão direcionados mais para a OJEHP do que, por exemplo, para o carnaval com as escolas de samba, grupos de rap, hip hop da periferia da cidade. (ANEXO D)

E em análise, constata-se que ainda não é realizada nenhuma pesquisa de interesse com o público da cidade, ou seja, as programações são definidas de acordo com gostos pessoais. Isto implica no que Moraes (1983, p. 16) chama de "crítico de música", e que suas definições sobre o assunto devem estar além de seus próprios interesses, pois, desta forma, é possível "relativizar a noção que se tem da música européia como as mais significativas do planeta, em detrimento de tantas outras faixas altamente criativas”.

Além da música, outra atividade é bem recebida pela SC. As peças teatrais, segundo as informações concedidas, são uma das principais atividades culturais em que a SC quer disponibilizar para a população. Isto porque, a cidade, em breve, inaugurará um teatro municipal. Porém, o gestor comenta que a população poense nunca foi ao teatro e que, portanto, seria uma das principais dificuldades da gestão, fazer essa aproximação. (ANEXO D)

Entretanto, ao mesmo tempo em que a fala do secretário é negativa em relação à população, ele afirma que o público recebe muito bem os espetáculos teatrais na cidade. E, quando questionado sobre as políticas públicas culturais de Poá, o gestor acredita que só com

a posse do Conselho Municipal de Cultura é que a SC terá um trabalho voltado para tais políticas. (ANEXO D).

Diante das informações da SC, apresentam-se as visões dos foliões de escola de samba, integrantes da Comunidade Negra e do maestro da orquestra.

3.2. Uma visão da população

Para entender o posicionamento dos representantes da população, relativo às manifestações culturais na cidade de Poá, observa-se as visões de representantes da Comunidade Negra, maestro da Orquestra e foliões de uma escola de samba da cidade devem ser observadas.

Ressalta-se um dos dados apresentados na entrevista com a Comunidade Negra, o qual é sobre um evento de rap em que a organização foi realizada e idealizada por eles. Tal evento não aparece nas publicações da SC, uma vez que a programação foi desempenhada através dela.

Este fato pode refletir uma exclusão das manifestações, ditas “populares” pela SC, uma vez que, só os eventos idealizados por ela estão divulgados no blog. Embora a Comunidade afirme que não exista uma exclusão declarada, eles admitem que ela é velada. (ANEXO C).

O que se percebe é que a comunidade ainda não é aparente na cidade, uma vez que os membros também fazem parte do Conselho e não conseguem desenvolver seus projetos educacionais em Poá. E esta realidade é a que Rubim cita como uma das políticas públicas culturais que negam a existência da cultura negra e indígena do país. (RUBIM, 2007, p. 102).

Além da comunidade, sambistas da Escola de Samba da Vila Júlia de Poá, afirmam que, dependendo da administração, o carnaval da cidade é posto como segundo plano. Os foliões sustentam que as prioridades da administração, em relação aos eventos culturais, são as programações da EXPOÁ (festa anual das orquídeas) e o aniversário da cidade. E que, se necessitar de uma seleção, o carnaval é colocado como proposta alternativa. (ANEXO B).

Já o maestro da orquestra não enxerga que estas exclusões ocorrem com a OJEHP, uma vez que ela é utilizada, principalmente, para as datas comemorativas, eventos e

cerimoniais e, além disso, sente-se representado pela SC. Entretanto, em relação à população, segundo o maestro, em 2015 houve uma centralidade maior nas apresentações dentro da cidade por conta do teatro municipal que, brevemente, será inaugurado. (ANEXO A).

Em relação ao teatro e a orquestra, o regente afirma, assim como o secretário de cultura, que a população não frequenta teatro, não ouve música orquestrada. E, diante das informações dadas, presume-se que a orquestra deveria tocar apenas Beethoven, Mozart e que a OJEHP, em suas apresentações, adapta o rock, música popular brasileira (MPB) para que a população aprecie com mais facilidade. (ANEXO A).

Neste sentido, Eagleton (2005, p. 17) diz que “a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado”. Ou seja, o Estado faz com que a cultura seja uma forma de controle para o que ele acredita ser o ideal, transformando a realidade cultural da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões propostas e com as informações disponibilizadas ao longo da pesquisa, compreende-se que a ideia de cultura que está inserida na Secretaria de Cultura de Poá diverge das concepções que se pretendia encontrar baseadas nos conceitos dados por Thompson. Afinal, por meio do que foi apresentado, o pensamento sobre cultura evidente na SC é o de cultura elitizada, mesmo não sendo afirmado diretamente por ela.

Isto porque, muitas de suas atividades estão direcionadas a espetáculos que podem ser exibidos em um teatro. Assim, a OJEHP e apresentações teatrais ganham plenos espaços nas programações culturais da cidade.

Quando a SC passa a desconsiderar o carnaval de rua, as críticas e sugestões da Comunidade Negra, percebe-se que há um distanciamento do que Thompson chama de concepção simbólica da cultura. A desvalorização da cultura local, em busca de atividades e programações que são dadas como "eruditas", faz com que as políticas culturais sejam falhas.

Uma vez que, a SC e o maestro afirmam que o poaense não conhece ou não frequenta teatro para ouvir a orquestra há uma generalização neste sentido. O que implica negativamente nessa nesta afirmação é que não existe uma aproximação do público, efetivamente.

A falta de informações precisas sobre o que realmente o poaense gostaria de receber como atividade cultural no município abre caminho para o que Eagleton e Chauí apresentam como formas inadequadas do Estado lidar com a cultura. Afinal, o Estado passa a ser o idealizador de como e quais culturas devem ser apreciadas.

No caso da OJEHP, acredita-se que ela tenha sido concebida como uma oportunidade de elevação do repertório musical dos poaenses, porém, na visão da gestão, suas apresentações não podem ser frequentes, pois a população não está preparada para ouvir tais músicas.

Por fim, a pesquisa mostra que o gestor da SC não tem uma opinião fundamentada sobre políticas públicas culturais, pois, mesmo tendo atividades culturais na cidade, não é considerado como políticas públicas. Isto pode gerar uma dificuldade na gestão das ações e, além de tudo, impedir ações de cunho social, ações que tenham como base a pesquisa de interesse dos moradores, acesso e disponibilização de informações sobre a SC, troca de informações entre população e gestão.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. 2001. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:CFY0V8d3YH4J:www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/botelho_i_dimensoes_da_cultura_e_politicas_publicas.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 28 ago. 2015.

CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. Campinas: Papyrus, 1988.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____: **Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.

CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas. **III Enecult**, Salvador, p.1-18, 25 maio 2007.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; ORTELLADO, Pablo; SOUZA, Valmir de. **O que são as políticas culturais?: Uma revisão crítica das modalidades de atuação do estado no campo da cultura. Iv Seminário Internacional – Políticas Culturais: Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa**, Rio de Janeiro, p.1-17, 18 out. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, J. Jota de. **O que é música**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. Disponível em: <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/MORAES-O_Que_e_Musica.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

PREFEITURA DA ESTÂNCIA HIDROMINERAL DE POÁ. **Origem da cidade: Expoá - exposição de orquídeas**. 2013. Disponível em: <<http://www.prefeituradepoa.sp.gov.br/novo/expoa-exposicao-de-orquideas/>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____: **Origem da cidade**. 2013. Disponível em: <<http://www.prefeituradepoa.sp.gov.br/novo/origem-da-cidade/>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE POÁ. **2015**. Disponível em: <<http://secretariadeculturadepoa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 set. 2015.

_____:2014. Disponível em: <<http://secretariadeculturadepoa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 set. 2015.

RUBIM, A. A. C. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições**. Revista Galáxia. v. 7, n. 13, 2007b. p. 101-112.

SARAVIA, Enrique; FERRAREZI, Elisabete (Org.). **Políticas Públicas**: coletânea. Brasília: Enap, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

ANEXO A

Fernanda Barbosa Firigato, 01 de setembro de 2015. Gravação com o Maestro da Orquestra Sinfônica Jovem de Poá.

1: Maestro, como que você descreve a Orquestra Sinfônica Jovem de Poá?

Maestro: Bom, esse projeto, no início, desde o início do... Há dois mandatos anteriores, a orquestra ela foi composta por quatro idealizadores. No início eram quatro professores com formação, voltados para a área prática em música, e nós tínhamos em mente um primeiro foco, que era atingir toda a população poense. Esse foi o nosso primeiro foco dentro da cidade, junto ao prefeito na ocasião e aos vereadores. Aproveitando esta oportunidade, é óbvio que o prefeito já também tinha em mente expandir o projeto, e não era o foco da cidade ter a música como algo elitizado, só para uns e sendo que outros poderiam aprender e achava que poderiam encontrar problemas nisso. Então, por isso que nós tivemos que estar quebrando algumas regras: só pras pessoas, só pra quem mora na cidade ou só pra quem era aluno da rede pública... Então, nós tivemos que abrir essas vertentes para que todos pudessem usufruir desse projeto. Hoje a orquestra é composta por trinta bolsistas, eles até recebem uma bolsa de ajuda, uma bolsa auxílio que ele possa estar investindo nos seus estudos, investindo em si mesmo e até podendo visualizar a música não só como um robe, mas também como uma profissão. Então, nós iniciamos, na ocasião, com jovens, até de pouca idade, e nós abrimos mais, até pelo fato que atingiu os jovens já de vinte, vinte e dois, vinte e cinco também começaram a se interessar. Hoje nós temos, na orquestra, integrantes com treze anos de idade. Eles estudam em outras repartições, estudam em conservatórios, tem aulas particulares. Eles vêm aqui e fazem parte desse conjunto como bolsistas, tendo obrigação de ter um estudo paralelo, contínuo. Não é nossa função dar todo esse aparato de também aprendizado, até mesmo porque nós somos em poucos, não temos quantidade suficiente de professores para estar ensinando assim... uma quantidade limitada. Então por esse fato, é necessário para que ele seja um bolsista, que ele também faça aulas, procure em paralelo ter aulas para que ele pode expandir isso profissionalmente e também pessoalmente.

2: E como que ocorrem as programações das apresentações na cidade?

Maestro: As programações, elas ocorrem assim: a orquestra, ela tem suas prioridades. Então assim, como é a Orquestra Jovem DA CIDADE, as suas prioridades seriam, num primeiro plano, num primeiro momento, seriam o quê? As datas comemorativas da cidade, os eventos que possivelmente a cidade... de tempo em tempo a cidade faz, as aberturas, inaugurações, festividades, às vezes tem algum cerimonial, então a orquestra, ela tem até, entre aspas, um privilégio de fazer essa abertura, esse cerimonial, efetuando o hino nacional, o hino da cidade em festas tradicionais da cidade, como Festa das Orquídeas, Natal que é realizado na praça. E essa série de eventos que a prefeitura disponibiliza tanto no segmento da secretaria de cultura, como na secretaria da educação. E nós temos como exemplo, a secretaria da mulher faz a inauguração de algum órgão público... a orquestra tem essa função, e também estar lá, efetuando os hinos da cidade. Saindo disso, dessa prioridade, aí então, a orquestra participa dos outros festivais que tem nas outras cidades. É feito, quase que, um intercâmbio. Nós

vamos para lá, efetuamos alguma coisa, deixamos a porta aberta para que eles também possam vir e efetuar os seus trabalhos na nossa cidade. Aproveitando esse leque de oportunidades, aí a orquestra, então, tem se apresentado dentro e fora da cidade. Dentro da cidade de Poá e fora. E nos festivais de Caieiras, Lençóis Paulista, Jundiaí, Vinhedo...

3: E esse ano eles foram?

Maestro: Esse anos fomos em duas. Vamos agora em novembro, nós vamos para Lençóis Paulista. E aí a gente encerra as atividades aqui em Poá.

4: E com que vocês enxergam a representatividade da OJEHP pela própria prefeitura municipal?

Maestro: Olha, como todo projeto a gente espera, lógico, não só nós como os governantes... a gente espera que o retorno seja a curto prazo. Mas assim, todo projeto aquele trabalho de formiguinha, precisa de muitas pessoas, precisa de todo mundo no mesmo foco, todo mundo na mesma intenção. E vemos que o que acontece... a prefeitura, ela, os governantes, vamos dizer assim, eles vestiram a nossa camisa. Foi provado de que é um bom trabalho, de que realmente as pessoas, se deram por satisfeitas. O retorno, tivemos no tempo certo. Não temos como pegar uma criança de doze anos e ensinar um violino e querer que em dois meses ela toque. Mas assim, tudo no seu tempo teve retorno. E foi isso, como uma prova não só para a população como pros governantes. Então assim, na medida do possível, eles vêm nos ajudando, nos dando todo o apoio que precisamos. É verdade que, infelizmente, nem tudo acontece no nosso tempo. A gente não tem as coisas na hora que a gente quer, e não recebemos, não da parte deles, mas o retorno do projeto, que é um projeto assim, por mais que eu quisesse agradar... eu falo assim, não! A gente vai ter um retorno rápido. Não tem porque a arte é diferente. É diferente você pegar um aluno tocando violão, ensinar dois acordes para ele e sai feliz para casa e acha que já é músico. Aqui são instrumentos mais específicos: violino, flauta transversal, violoncelo. Então, são instrumentos que requer uma certa bagagem, um certo tempo, uma certa experiência, isso pro aluno. Então assim, lidando com todas essas dificuldades, e acredito que eles também tenham entendido isso, eles têm nos ajudado.

5: E onde ocorrem com mais frequência os concertos da OJEHP? Fica na cidade ou ela sai muito?

Maestro: Não. Esse ano, nós centramos mais dentro da cidade, pelo fato da inauguração do teatro, que está prestes a inaugurar. E por causa desse motivo, nós não podemos estar fazendo uma agenda antecipada, para que a gente não viesse, por um outro motivo ter que cancelar as apresentações. Assim que inaugurar o teatro, a orquestra vai ter que se doar um pouco mais, até pelo fato de que a população vai querer ver isso. Então assim, esse ano nós... não vou falar que nós perdemos. Nós trabalhamos vários repertórios... tudo só esperando a hora de partir o bolo. Então é assim, nós não perdemos. Eu acredito que a população vai ganhar. É um trabalho que nós estamos centro em quê? Infelizmente, Poá, por ser um município, comparado aos gigantes, por ser um município pequeno, a população não tem nenhum costume. Não é da cultura da população frequentar teatro, não é da cultura da população ouvir uma orquestra tocar na praça. Então, por esse motivo, nós trabalhamos esse ano para que quando for feita

essa inauguração, a gente possa estar com todos os materiais necessários para ensinar o povo a nos ouvir. É diferente de ter uma banda, de ter um conjunto, e aquilo que a população ouve todo o momento. Cê vai trabalhar, cê tá ouvindo uma música, tá? Cê nem tá ouvindo. Mas ninguém está ouvindo uma orquestra, ninguém está indo para assistir uma orquestra e muito menos ir ao teatro. Isso aí é um trabalho muito difícil. Não é da nossa cultura, não é por maldade, mas não fomos criados assim. Então assim, a gente está bem centrado para fazer isso com o público, para mostrar pro público que nós temos mais. Nós temos mais uma vertente mais um caminho, nós temos mais um robe... Não ter como um “Ah, aconteceu e eu ouvi. Estava passando e ouvi a orquestra tocar”; não é esse o nosso foco. É tentar fazer um público e mostrar pra ele que a música é para eles, que a orquestra é para eles.

6: Mas quando você coloca assim que essa pessoa que estava passando na praça, por exemplo, e a OJEHP estava tocando, esse não é o foco de vocês? Então vocês nunca vão para a praça, por exemplo?

Maestro: Não, nós vamos, que nem... Nós temos feito na praça por não ter um espaço para a orquestra.

7: Mas como você sente esse feedback do público?

Maestro: Não! É muito bom! O retorno é bom. O retorno é bom porque, assim... eu tinha até, no meio desses anos todos, eu fiz um projeto ele chamava “Adote um público”, era o nome do projeto. Então, nós começamos nas escolas estaduais e aí, por alguns motivos, assim, correria do nosso trabalho, nós nos centramos mais nas escolas. Então assim, o foco desse projeto era justamente isso. Se nós anunciarmos, olha, a orquestra vai estar em tal lugar, tal horário, tal dia e vai fazer uma apresentação e vai tocar Mozart; pouquíssimas pessoas vão sair de casa com esse fim, com essa finalidade de ir lá para ouvir a orquestra. Então, o que acontece, era onde nós fazíamos o quê? Nós íamos para a praça, num primeiro momento... num primeiro momento nós íamos até a praça e assim, para o público eu anunciava: - “Olha, é um ensaio. Agora eu vou fazer um ensaio com a orquestra e eu sei que vocês não tem essa realidade, vocês não sabem como funciona”. Então eu começava a tocar uma música, mostrava para ele como funcionava a orquestra. E com isso, assim, mesmo quem nunca tinha visto ou ouvido, achavam: - “Ah, puxa... é assim que funciona uma orquestra?”. E aí, é lógico, eu tocava alguma coisa assim... do conhecimento deles, uma música popular, um rock, alguma coisa assim... mas, que eles apreciam com mais facilidade.

8: Para ficar mais próximo.

Maestro: É! Então assim, a intenção de adotar um público era essa. Então o que acontece, eu mostrava o que eu tinha e eu dava também o que ele gostava de ouvir. – “Oh, vou tocar Beethoven, mas você gosta do quê?”, - “Ah, eu gosto de Raul Seixas”, - “Ah, então vou tocar Raul Seixas para você ver que a orquestra tem essa vertente, tem essa possibilidade”. Então, com isso a gente ia o quê? Fazendo um público. Foi muito pequeno a duração desse projeto, assim, por causa dos outros serviços que nos sobrecarregou, né? A gente não teve muitos dias, mas o tanto que nós fizemos um retorno gratificante. Hoje, quando nós nos apresentamos, às vezes na Praça dos Eventos, fazemos muito, quando nós nos apresentamos, nós percebemos,

ainda, que é um público que estava num outro que nós fizemos na praça, ou até mesmo nas escolas e nós percebemos que começamos trazer eles para o nosso lado. Realmente é fazer um público.

9: Há algum tipo de exclusão das políticas públicas culturais em Poá, em relação as apresentações da OJEHP?

Maestro: Olha, ao nosso ver... ao nosso ver, não! Percebemos de que as coisas são difíceis. As coisas são difíceis em todo o segmento e, infelizmente, a gente está atravessando um período crítico politicamente, não só dentro da nossa cidade como no país, e isso acaba afetando todos os segmentos. Acaba afetando não só a população, mas os trabalhadores, os que estão desempregados. E o que acontece, por causa desse motivo a gente acaba tendo que, infelizmente, matar um leão todo dia. Não é porque existe uma negatividade da parte dele ou uma falta de interesse. Não, eu acredito que é por causa da situação que nós atravessamos hoje. Eu acho que a sensação que a gente atravessa hoje ainda é que... a gente não tem dimensão da proporção que está, né? A gente, às vezes está tão fechado só no que nos rodeia, a gente não sabe o peso de tudo isso, mas afeta em tudo, todos os segmentos. Suponhamos que eu precisasse comprar uma partitura, é se... essa partitura pudesse agendar pra ter ela semana que vem, isso acaba me retardando. Então assim, não é porque não há um interesse ou não é porque não há um apoio. Hoje, infelizmente assim, é essa situação. Poá passou por uma situação difícil recentemente. Politicamente passou por uma situação difícil e estamos tentando sobreviver a tudo isso. E agora, o país, ele emenda uma série de problemas, então assim, tudo isso, embora a gente não saiba a grandiosidade da situação, nos atinge. Ao nosso projeto e aos demais também.

10: Muito obrigada, então!

ANEXO B

Fernanda Barbosa Firigato dia 02 de setembro de 2015, estou gravando a entrevista com o sambista da Vila Júlia.

1: Como que você descreve a Escola de Samba do Vila Júlia de Poá? Por que ela é feita, para quem?

Sambista: O Vila Júlia é formada pela associação em conjunto com a comunidade... entidade do bairro, sem fins lucrativos, a não ser para carnaval mesmo que a gente trabalha, e o pessoal lá se une e vão trabalhando o ano inteiro pra fazer um bom carnaval, né? Em conjunto com a prefeitura, é repassada uma verba pra poderem ter condições de se apresentar de acordo como se deve num carnaval de rua de Poá, né?

2: E como que ocorrem as programações do carnaval na cidade?

Sambista: Já existiu uma liga de Poá, forte, que trabalhando em conjunto com a prefeitura definiam datas para a comemoração. Ou saindo os quatro dias, ou saindo hoje em dia, nos últimos tempos, agora só um dia só. Mas é definido mais pela prefeitura, pelo calendário da cidade, né?

3: Então, mesmo se as escolas quiserem o carnaval e a prefeitura falar que não, não vai ocorrer?

Sambista: É, geralmente não vai acontecer não. Porque a palavra final vai ser da prefeitura. Mesmo que todos os presidentes das agremiações se reúnam, converse, debate, aí sempre tem um imprevisto e, aí, a prefeitura é a palavra final.

4: E como o senhor tinha me comentado, que isso ocorreu em Poá uma vez porque um certo prefeito não gostava do carnaval, mas agora que ele foi deposto, seu vice colocou o carnaval em 2015.

Sambista: É... ele não gostava em si da festa carnaval. Prefere outras festas. Mas chegou a ser feita no mandato dele e, hoje em dia, como está fora e o vice que assumiu está tentando retomar o carnaval de rua de Poá porque é uma festa folclórica, né?

5: Mas ele deixava bem claro assim, que ele não gostava? Ele até citava outras (festas), ou não, era meio maquiado?

Sambista: Não, é tipo assim: se tivesse que votar lá na câmara, verba para carnaval e verba para uma outra festa, com certeza seria para uma outra festa; carnaval ficava em segundo plano.

6: E o que acarreta para a Escola de Samba quando não tem o carnaval na cidade?

Sambista: O que vai acarretar encima disso, é assim, é dispersão do pessoal porque não tendo carnaval na cidade, vai se procurar outro lugar pra sair. Saindo, gostando de outro lugar vai ficar para fora. Diminui o número de pessoas na cidade que vai querer continuar porque sabe

que vai trabalhar o ano inteiro e não vai ter carnaval. Então o pessoal resolve partir para uma outra escola e... divertir. A pessoa gosta da folia, do carnaval, folia. Então, aonde o pessoal acaba indo para outras agremiações e o número de pessoas envolvidas no carnaval de Poá acaba ficando, né?

7: E já, já tem zero escola!

Sambista: É! São seis escolas, entre aspas, seis escolas. E que leva aí, sei lá... poucas pessoas pra avenida e ainda falam que não tem carnaval, onde que vai ficar esse pessoal? Atrapalha. Vai prestigiar o carnaval de outra cidade.

8: Como que vocês enxergam a representatividade das Escolas de Samba de Carnaval pela própria prefeitura? Vocês se sentem representados ou não? Porque diante dessas informações que você me diz parece que...

Sambista: Não! É sempre uma briga. As escolas querendo o carnaval, a prefeitura não querendo. E aí, a verba que vem, em muitos casos, não é bem aproveitada pelas agremiações. Aí, sai um carnaval pobre e aí, a população reclama que o carnaval de rua está fraco, e aí... então... o pessoal acaba ficando chateado, né? Porque fala assim: - “Eu vou lá assistir um carnaval daquele?” ; “É muito pobre, não tem nada!”; “A verba foi pouca”. Aí, as agremiações falavam: - “A verba foi pouca!”, só que às vezes o valor que a prefeitura repassou daria até para fazer um carnaval simples e de boa qualidade. Só que as agremiações acham que foi pouco e acaba ficando nesse impasse.

Sambista 2: Demora muito a verba...

9: Ah, demora para chegar a verba.

Sambista: É, normalmente, em média, é para outros lugares aí, fim do ano... de uma ano, já começa a sair a verba para o próximo carnaval. Pra nós aqui, Poá, acontece que fica assim: janeiro, meio de janeiro

10: E o carnaval em fevereiro

Sambista: Comecinho de fevereiro, meio de fevereiro ou até o começo de março. Então o pessoal fica limitado a trabalhar, sem verba, sem nada... por outro lado, as próprias escolas também, um pouco, são culpadas que não trabalham o ano inteiro como deveriam, para arrecadar uma verba, esperando da prefeitura. E a prefeitura só repassa no último tempo, faltando vinte, vinte e cinco dias... aí, também não dá pra fazer muita coisa.

Sambista 2: Que depois na hora é penalizado

11: Nossa, ainda tem isso

Sambista 2: Se não sair do jeito que foi definido perde ponto, aí a escola é penalizada. Esse ano, agora, teve penalização por causa da chuva, teve penalização... a escola ela perde. Perdendo ponto, ela foi penalizada ela perde... vai perder verba para o outro ano. A verba dela sofre corte.

12: Tem uma série de punições aí.

Sambista 2: Tem, tem por horário, quantidade de componentes, tudo tem penalização. Esse ano mesmo, agora, vai diminuir a verba para escola, vamos supor, para quem foi penalizado.

13: Há algum tipo de exclusão das políticas públicas culturais em Poá, em relação às atividades ligadas ao carnaval? Por exemplo, a prefeitura, ela prefere um outro tipo de evento do que um carnaval?

Sambista: Sim. Se tiver... a prefeitura acaba gastando verba, vamos dizer... igual agora, estamos na época da.. Orquídea. Então, se tiver que escolher entre a Festa da Orquídea e Carnaval, a prefeitura prefere a Festa da Orquídea.

14: Sempre foi assim?

Sambista: A maioria das... Outros prefeitos, por gostar mais, até, de carnaval, dividia esse negócio. Um pouco pra cá, um pouco pra lá. Mas só que de uns tempos pra cá, se tiver que escolher entre carnaval de rua e uma festa pública, dessa daí da Festa da Orquídea... é mais prioridade. Porque Poá não conta com um lugar adequado para fazer o carnaval de rua. Por outro lado são comerciantes que reclamam do vandalismo de pessoas que vão para prestigiar o carnaval de rua e já volta, vai quebrando portas dos comércios, danificando tudo o que acha pela frente, sai quebrando. Então, o pessoal não quer saber disso. Os comerciantes não querendo... o comerciante é mais forte na região porque Poá depende deles também... Da Associação Comercial que chega num ponto final e fala com a prefeitura

Sambista 2: Agora, cada ano é num lugar. Esse ano foi no Nova Poá, foi um horror.

Sambista: Muita chuva.

Sambista 2: Poucas pessoas para assistir, também tem poucos componentes porque estava muita chuva. Pessoas não puderam ir, as pessoas que moram pra cá não puderam ir porque não tinha condição. Então, não é todo mundo que teve dinheiro que teve dinheiro pra pagar ônibus pra ir até lá com criança. Por esse problema aí, muita gente não foi assistir, devido a condução. É longe, pra ir a pé é longe. Que nem, nós mesmo não fomos.

15: Qual foi o critério? Eles falaram? Assim, a gente vai colocar lá por...?

Sambista: Por falta de opção de local.

Sambista 2: Votação. Falaram que foi votação. Que todo mundo aí... votou, votou e acabaram deixando lá, mas todo mundo comentou que lá não tinha condições não. É pequeno, a avenida é muito pequena para fazer o carnaval lá. E ainda com chuva, o lugar não dava para as pessoas. Todo mundo reclamou. Então quer dizer, para as pessoas aqui seria mais fácil aqui.

16: Por que tem muita avenida lá no centro, né?

Sambista 2: Mais no centro! Só que colocaram lá...

Sambista: Nove de Julho não tem nem mais condições, outra que colocaram ali, Anchiétinha, devido aos problemas das enchentes ali também ficou inviável.

Sambista 2: Teve ali alguns anos também, e agora fizeram o piscinão. A opção deles é o piscinão. Então o prefeito disse que não ia fazer mais ali devido ao piscinão. Aí colocaram lá...

Sambista: Fizeram um ano ali na passagem subterrânea lá, debaixo da linha do trem lá, na entrada lá do Vampré. Mas ali também ficou muito apertado, hoje em dia não dá mais...

Sambista 2: Alí era do lado do... da Praça dos Eventos, mas não dá mais, ali era um lugar bom..

Sambista: Nove de Julho os comerciantes não querem, então, ficou outro local que talvez quisesse seria lá... como é que chama? Getúlio Vargas. Mas também o comércio também falou não, vai ter vandalismo... então...

17: Então é uma exclusão mesmo?

Sambista: É, não teve, não tem! Primeira coisa, pra ter um carnaval de rua decente, local apropriado pra fazer o evento, porque não tem. Poá não tem! Como que eles vão conseguir sanar esse problema que vão ser difícil, né? Se não tem o local.

Sambista 2: Teve prefeito que falou que na época da eleição que se ganhasse ia fazer um sambódromo aqui. Que seria lá perto da Fonte Áurea. Aí todo mundo até gostou, quem é do samba gostou. Um lugar que ia ter arquibancada, ia ter, mas aí, ele não ganhou... Só que esse ano mesmo foi até bem montadinho, mas o lugar não ajudou. Muita chuva também e o lugar horrível, pela população não ter condições de ir. Mesmo quem está acostumado a ir, não foi esse ano.

ANEXO C

Fernanda Barbosa Firigato, 03 de setembro de 2015, gravação com integrantes da Comunidade Negra de Poá.

1: Como que você descreve a Comunidade Negra de Poá?

Integrante 1: Olha, na realidade a Comunidade... Ela é fraca. Entendeu? A Comunidade Negra é fraca. E tanto que, nós temos o Conselho já cinco anos e a participação é bem pouca, bem pouca. Nós temos setenta e seis conselheiros, com a participação de apenas três conselheiros. Ela é fraca, bem fraca mesmo.

2: E por que vocês decidiram criá-la?

Integrante 1: Na realidade, nós não decidimos... A decisão, infelizmente, não foi nossa. O que aconteceu foi o seguinte, nós nos reunimos sem título e sem cargo nenhum desde 82, 85, por aí, né? Que foi criada a praça Zumbi dos Palmares de Poá. Desde dessa época que nós nos reunimos. Aí, veio a lei, então, na data, o atual secretário de cultura que decidiu criar o Conselho da Comunidade Negra. Aí, que houve um título. Aí, que houve um rótulo, mas antes disso não tinha.

3: E por quem ela é composta?

Integrante 1: Ela é composta pela sociedade... Ela é paritária, é metade sociedade civil e a metade funcionários da prefeitura.

4: E quais são as principais atividades e programações na cidade e região?

Integrante 1: Então, em Poá, nós sempre conseguimos fazer o quê? Semana da consciência negra. Nós nunca focamos no 13 de maio. Sempre foi a semana que a gente conseguiu fazer. Mas dos sete dias, a gente consegue dois ou três, apenas.

5: E a intenção de vocês seria expandir?

Integrante 1: Sim, com certeza. O nosso foco sempre foi a educação. O nosso foco sempre foi conseguir fazer uma parceria com a educação para podermos colocar em ação a Lei 10.639, é isso? 10.639, né gente? É isso! Que era uma coisa que já estava a caminho.

6: e como que você enxerga a representatividade da Comunidade Negra pela própria prefeitura?

Integrante 1: Não entendi...

7: Ela veste a camisa para vocês?

Integrantes 1: A atual não! A atual não, eles arrumaram uma forma de até maquiagem e fechar as portas para nós. A atual não. É assim, quando o evento é relacionado a alguma... o trabalho, não vou dizer o evento. Quando o trabalho é relacionado a alguma coisa religiosa, então assim, as portas são bem abertas. Quando é em relação ao negro, eles dificultam bastante. Um

esquema igual aquele do filme Selma, que eles ficavam colocando... pro negro não votar eles inventavam um monte de coisas, é o que acontece.

Integrante 2: E você disse, inclusive, que nas outras gestões também não é aberta essa porta, né? Porque, como foi falado, a Comunidade Negra, ela só é vista quando é uma data específica e assim mesmo, se a gente for mesmo encima. Porque fora isso, a gente não consegue. Não tem portas abertas. Embora algumas pessoas da gestão tenham essa visibilidade positiva da Comunidade Negra, são poucos. Então, a força é menor. Então, se a gente não bater o pé e ir atrás a gente não consegue.

8: Em relação a isso que vocês estão falando, eu fui fazer uma busca no site da prefeitura, eu só joguei a palavra negro no site e estava vendo o que aparecia para mim, em relação às atividades que eles fizeram. Só apareceu uma que foi... o prefeito, ele foi até para a praça Zumbi dos Palmares e colocou uma coroa de flores, e fez aquela foto. Eu fiquei pensando: “Nossa, mas essa Comunidade, ela poderia participar mais efetivamente...”

Integrante 1: É, isso deve ter acontecido no 20 de novembro, ano passado. Na realidade, depois disso, nós fizemos, também, um encontro de rap na Praça dos Eventos. Assim, bem no sufoco mesmo, com muito boicote, porque falaram que só iam doze pessoas, e circulou pela praça, no nosso evento, duzentos e cinquenta pessoas e fixo de cento e cinquenta a cento e oitenta pessoas, que tiveram durante os shows de rap. E teve uma palestra com um escritor também, de periferia, e que agora, eu acho que o sobrenome é Buzo. Então, ele veio, fez essa palestra e depois teve um show com ele. Mas assim, nós conseguimos com bastante dificuldade. E fizemos na câmara municipal as homenagens há algumas personalidades negras... daí nesse caso sim, nós fazemos região e Poá. Mas a maioria dos eventos aqui, que a gente pode responder é mais por Poá.

Integrante 3: Especificamente aqui em Poá, nas periferias de Poá, aqui perto, tem diversas comunidades que se agrupam para fazer trabalhos de negros, muitas vezes voltados para música, para capoeira. Só que a intenção disso, não chega a...

9: Limita no bairro.

Integrante 3: Eu mesmo, participo de um grupo de pessoas que a gente proporciona, vamos se dizer, que é uma festa de hip hop. Quatro pessoas, e a gente faz folders, tal. Traz grupo de rap, às vezes nem isso, só música mesmo, mas isso não entra na prefeitura. Muitas vezes tentamos até pedir um pouco de subvenção do governo, mas não conseguimos. Então, acho que aqui em Poá tem trabalhos que o Honório faz, que participa da comunidade. Eu mesmo participei... participei não, fui uma vez em uma dessas homenagens que teve até para o Marcelo Orlando Frero, foi bem bonita a homenagem. Mas eu tive que ir atrás para saber porque a gente não tem muita divulgação dos trabalhos negros que foram feitos por aqui, tal...

Integrante 1: Porque na realidade, também, sabe o que acontece? O que o negro tem que entender? Ele tem que entender o seguinte, que o Conselho, ele é político, mas ele não é partidário. Então assim, o que acontece com o nosso Conselho em Poá? Acontece assim ó: -

“Ah, é daquele partido... Oh, não vamos colaborar e se possível até boicotar”. Infelizmente, a gente tem isso também. E por essa questão enfraquece. E assim, eles não entendem que isso é uma coisa do próprio sistema. O sistema faz questão que o Conselho seja fraco. Não é verdade? Porque se o negro se une, nós somos cinquenta por cento da população... Se o negro se une, vai ficar feio para eles, vai ficar ruim para eles. As cobranças vão ser maiores. A questão política vai ter uma outra direção. Então, para eles não é interessante.

Integrante 4: É, o meu trabalho, no caso, eu não sou conselheira, mas eu sou do Conselho da Mulher e eu sou Promotora Legal Popular (PLP) e eu trabalho com as mulheres negras, qualquer uma, vítima de violência doméstica e tenho conseguido alguma coisa, mas aí, junto com o Conselho da Mulher. E é, realmente, tudo muito difícil, tudo muita briga, tudo tem que conversar muito. E, no caso, como Promotor Legal a gente tem que seguir as leis e aí, quando se fala de acordo com a lei tal, eles até diminuem, respeitam. Tem um caso que amanhã já vou levar os papéis dessa senhora que era para ter sido contemplada no Minha Casa Minha Vida, e não foi. Só que o caso... o sobrinho matou o marido na frente dela, dos filhos e já vai fazer doze anos. Ela fez a inscrição e não foi contemplada. Então assim, tem uma pessoa que está dando um apoio e eu tenho que estar toda hora renovando, mas às vezes a gente encontra preconceito dentro da própria raça. Porque tem uma pessoa e... ela me boicota porque o meu trabalho sobressai o dela. Entendeu? Apesar da cor, apesar da... mas eu... realmente, é uma briga diária, é cada dia matando um leão. Eu demorei para chegar porque essa moça foi na minha casa... então, o meu trabalho é multiplicar o conhecimento sobre os direitos e orientar sobre as palavras... sobre a conversa do advogado. Porque às vezes o advogado usa umas palavras difíceis e as pessoas têm medo de buscar porque não vai saber conversar com o advogado. Então, eu consigo traduzir para que essa pessoa possa ir. Porque no Conselho mesmo, essa semana, ficamos sabendo que uma pessoa, por vaidade política, não permitiu que tenha a Sala Rosa na delegacia; que é para atender mulheres vítimas de violência. E a maioria negra. E o que aconteceu, é que a mulher chegou e o escrivão falou assim... foi perguntando, bem alto, para todo mundo... e ela falou de vítima de violência, e ele falou: - “Que violência?”, tipo assim, como que violência doméstica é violência? Como apanhar do marido é violência? E ele não quis atendê-la. Ela precisou chamar uma advogada e a advogada precisou chegar e falar para ele... e falar para o escrivão que ela ia levá-lo à corregedoria. Então, só assim ele atendeu. Então, o meu trabalho é nesse sentido. Estamos querendo que essa Sala Rosa consiga, apesar da vaidade política de alguns. E é isso, meu trabalho é esse, infelizmente, a gente sofre discriminação até da própria raça. No meu caso que eu já tenho, assim, procurado pra levar pra presidente do Conselho, pra outros que... tá havendo isso, né? Quer dizer, em vez de se ajudar, como o Honório falou, que ao invés de haver união tem vaidade; a questão do partido e questão da vaidade pessoal porque, infelizmente, aqui tem isso...

Integrante 1: Porque assim, na realidade, o sistema, ele prega o quê? Ele prega que a fatia do bolo é pequena. Então, tem alguns negros que não têm consciência, eles acham assim, já que a fatia do bolo é pequena deixa eu pegar essa fatia só para mim. Entendeu? Mas são pessoas que não têm consciência, que não tem informação, então acaba agindo dessa forma e boicotando a gente.

10: Há algum tipo de exclusão das políticas públicas culturais no município em relação às atividades ligadas ao movimento negro?

Integrante 1: Olha, com o Conselho é... se eu falar exclusão, eu posso até ser processado porque a coisa é tão sutil, é tão bonita e educada... Você está entendendo? Eles conseguem dar um cafezinho para você, eles conseguem dar um tapa nas suas costas e bater a porta na sua cara. Então, eu não posso dizer que... a exclusão é muito maquiada! Ela é tão sutil que se você denunciar, você sai de ruim, você sai de agitador e de racista às avessas. Entendeu? Porque é muito sutil. É muito sutil, entendeu? Por exemplo, o próprio Conselho. Um Conselho que é criado com setenta e seis conselheiros, é para quê isso? É para que não consiga existir, não é verdade? Aí coloca-se lá, que só pode haver a reunião com cinquenta por cento e mais um. Nós conseguimos mudar isso porque mudamos o estatuto, né? Mas a lei dizia isso. Então assim, é sempre muito sutil. Então, eu não... pelo menos em relação ao Conselho é sutil. Então, se eu falar que tem exclusão, mas é lógico que há! Com certeza, mas como eu disse, bem sutil. Como acontece com o racismo no Brasil, ele é bem sutil, às vezes... porque é notório que no século XXI, agora, é notório que perseguir negro e perseguir homossexual não é bom para nenhum político, não é verdade? Então, eles fazem as coisas de uma forma bem bonita para que a gente não consiga, realmente, denunciar e não vá para cima. Mas há sim.

Integrante 3: Ah, eu acho que assim, até mesmo pelo trabalho que a gente vem fazendo nessas tendas, que nós chamamos isso de Tenda Black, que é o trabalho voltado à música, hip hop de fato, e tem músicas nacionais como músicas internacionais, a gente proporciona festas e trás o pessoal que gosta de música afro, jazz, blue... só que, às vezes quando a gente tentou subvenção de vereadores, eles sempre falam as mesmas coisas que, eles até conseguem o lugar físico para gente, mas a gente tem que custear as outras coisas como segurança, como prevenção de acidentes, dentre outras coisas. Se a gente for colocar no cálculo um menos o outro, não vale a pena para nós custear todo esse processo, porque um estabelecimento é bem mais barato. Aí, é procuração, é diversas outras coisas que a gente pede subvenção para eles, mas é sempre a mesma coisa. Eles dificultam o processo, até para que a gente vá por outras válvulas.

11: Você já tentou com o secretário diretamente?

Integrante 3: Na verdade as duas vezes que nós conseguimos fazer esse projeto e tentar uma ajuda do governo, foi através de vereadores. Eu não fui direto falar com o secretário. Foi através de vereadores porque é o único contato que eu, moro na periferia mesmo, tenho. Que são as pessoas que vão até lá, que conversam com o pessoal e foi essa a dificuldade que nós tivemos. Então, em vez de pedir assistência ao governo, a gente se reúne e faz os trabalhos ali mesmo, entre a gente. Por conta dessas dificuldade que a gente acha lá no meio do caminho. E já são quatro anos trabalhando...

12: Você tem algum ponto de vista?

Integrante 2: É, a exclusão nítida, não tem como a gente dizer que não. Mas é como o Honório falou, é maquiada. E aí, o que dificulta o nosso processo de luta, e até dentro do próprio Conselho mesmo, a gente não consegue dialogar por conta dessa falha mesmo, da

falta das pessoas, a falta de componentes do Conselho. E isso acaba dando, meio que, um pouco de razão para a sociedade... para a gestão. Porque o Conselho não funciona, não vai dar certo, é melhor acabar e pronto, acabou. Então, acho que é... a gente tem que descobrir meios que dê para a gente trabalhar e conseguir buscar o que a gente quer; visibilidade, a gente quer respeito, é tudo, né?

Integrante 3: Acho que dentro das periferias mesmo, tem uns trabalhos legais que são feitos entre eles. Eu vejo mesmo que, aqui, em Poá tem o Opereta, que tem trabalhos que são, não diretamente de cultura negra, mas tem muito... Capoeira, diversas coisas... No bairro mesmo, onde eu moro, a gente proporciona, também, trabalhos sociais. Dá assistência para música, para dança só que nada disso é dentro da prefeitura porque nunca deu certo. Tem muitos, acho que se tivesse um pouco mais de consciência do próprio negro para buscar os seus direitos com a prefeitura, muitos trabalhos, inclusive, da cultura negra, afro seriam proporcionados. E hoje mesmo são proporcionados, mas fora desses meios de acesso, que é da prefeitura e governamental. Então, acho que seria mais legal se tivesse mais um pouco acesso mesmo, até do Conselho... se o Conselho fosse mais... expandir dentro das periferias tem muita gente... Sábado, nós proporcionamos um trabalho formação básica, tinha um rapaz lá, recitando um poema lindo. E ele lá, um orgulho. Quer dizer, eu não conhecia ele, eu tenho certeza que o Conselho mesmo, não conhece, mas eu não culpo o Conselho. Eu culpo que a prefeitura não dá acesso para que eles ampliem esse conhecimento. Se tivesse um pouco mais de ajuda de custo e até mesmo de pessoas, como ela mesma falou, da cultura negra, não só de Poá, mas em diversos outros estados, bairros, cidades, até mesmo de conscientização. Tem muito negro aqui que não sabe, que não conhece, tem também a intolerância racial. Racial e religiosa também, que atrapalha muito a cultura negra. Então, acho que se tivesse um pouco mais de ajuda governamental o trabalho seria tão lindo.

Integrante 2: Porque falta interesse. Interesse do próprio negro buscar seus direitos. Buscar saber que existe um Conselho e que o Conselho está lá para ajudar. É um trabalho de formiguinha que por enquanto está difícil, mas a gente vai conseguir.

ANEXO D

Fernanda Barbosa Firigato, 17 de setembro de 2015. Entrevista com o secretário de cultura de Poá.

1: Como são definidas as programações culturais da cidade? Quais são as prioridades da secretaria?

Secretário: Bom, nós temos um calendário de programação, já pré definido, encima de algumas leis. Tipo o carnaval, a gente começa o ano com o carnaval, aniversário da cidade, a EXPOÁ, que é o maior evento da cidade e em novembro o festival de dança que é o final que tem as apresentações dos alunos do centro municipal de dança que tem 600, 700 alunos, em torno disso, depois do carnaval. Esses são os oficiais que a gente vai fazer com certeza. Agora, tem outros eventos que vão aparecendo durante o ano e, às vezes, é oferecido pra gente... tem espetáculo que são oferecidos por pessoas que têm alguma lei de incentivo fiscal e precisam estar apresentado o seu trabalho e com todo prazer a gente recebe esse tipo de evento. E também, dentro das oficinas que a gente tem, que é o circo, violão... tem vários instrumentos musicais na verdade, e agente vai tentando, dentro disso, desenvolver o trabalho. Agora, em outubro a gente vai dar posse ao Conselho Municipal de Cultura e acredito que, a partir daí, a gente vai ampliar bastante as nossas ações.

2: Como acontece a relação entre secretaria e população? Os pedidos são atendidos em quais aspectos?

Secretário: É, a gente escuta muito, a gente escuta pessoas, e dentro das possibilidades, dentro daquilo que a gente tem programado, e faz o que vai agradar o maior número de pessoas possível através do que a gente conversa com essas pessoas. Que nem tem ocorrido nos trabalhos em geral.

3: Eu estava lendo o blog e lá estava assim: -“A companhia de teatro Frozen, por exemplo, veio para Poá e atendendo a pedidos será apresentado novamente”, acontece isso, de os pais pedirem? Dependendo da disponibilidade da Cia?

Secretário: Sim, sim. Depende da companhia e orçamentária também. Porque tem custo para prefeitura. E no caso do Frozen, especificamente, que você citou, foi especial porque a gente também não esperava o público que teve. Teve 5 ou 6 apresentações e teve em média de 6 mil pessoas, mil pessoas por apresentação. Então, foi uma coisa que surpreendeu. Como nós fizemos só duas primeiro, muita gente não pôde assistir... aí pessoal, através de rede social ou pessoalmente e a gente viu a necessidade de trazer novamente.

4: Como a orquestra é vista pela secretaria?

Secretário: A orquestra é um projeto que a gente tem muito carinho. A orquestra é formada por 30 bolsistas que vão se renovando porque as pessoas vão saindo. E todo ano tem o processo de audição para os novos membros da orquestra. Mas, a ideia da gente é no futuro, e isso para acontecer, acredito que no ano que vem, em 2016... é aproveitar os músicos que são formados pela orquestra Sons da Educação. Então, são jovens que estão na rede pública

municipal e, a partir do momento que eles se formam, eles saem da nossa orquestra da Educação. E aqueles que os próprios instrutores da Educação vão indicar para gente aqueles que se destacam e que, a gente pode aproveitar na orquestra jovem, que seria a orquestra municipal.

5: E qual que é o projeto que pretende fazer, é por causa do teatro?

Secretário: Não, não. A gente está aproveitando porque hoje a orquestra é formada por pessoas de vários lugares. E a ideia da gente é aproveitar esses aluno que a gente tem como base a Orquestra Sons da Educação, que é da rede municipal.

6: E por que, em 2015, foram realizadas dois concertos com a OJEHP em Poá, segundo os dados do blog da secretaria? Porque é um projeto tão grande e tem apenas duas apresentações na cidade...

Secretário: É assim, nós fizemos mais do que duas, tá? É que o blog, nem sempre é muito atualizado, mas a gente teve mais do que duas sim. É um projeto muito importante.

7: E a população está preparada pros repertórios da OJEHP?

Secretário: Eu acho que isso daí é uma coisa que desde o começo da OJEHP, a gente conversou muito com os maestros e com o pessoal que está envolvido nesse projeto, para mesclar o erudito com o popular para as pessoas irem se acostumando e não assustar. Porque muitas pessoas nunca tiveram contato com a música orquestrada, principalmente a erudita. Então, a gente mesclou, nas apresentações mesclar com o popular para as pessoas irem se acostumando.

8: Como os grupos de rap e hip hop da periferia de poaense têm abertura para realizarem eventos através da secretaria?

Secretário: É, nós não temos nenhum evento específico, voltada para nenhum... com exceção do rock que é uma lei municipal, que é o dia do rock, comemora o dia do rock... para outros gênero musical. Mas aí, a gente tem o festival de música onde todos os gêneros podem participar.

9: Qual a importância das escolas de samba para as programações de Poá? E o que dificulta suas apresentações na cidade? O ano passado acho que não teve o desfile, teve as marchinhas que foi um outro tipo que conseguiram fazer na cidade.

Secretário: A escola de samba, eu acredito, que tem uma importância muito grande porque ela, teoricamente, a escola de samba deveria, dentro da sua comunidade... usando principalmente as crianças fazer oficinas voltada à música para ir participante e, infelizmente, não é o que acontece normalmente. Mas, seria dentro dessa linha que a gente tem ideia de funcionamento das escolas. As escolas também têm alguma dificuldades por conta da... financeira. Dificuldade financeira maior é o orçamento deles. É pouco... elas não são muito organizadas, no sentido de, dentro da própria comunidade, realizar eventos para angariar fundos para poder fazer um carnaval bacana para mostrar um trabalho bacana para a

população. Eles dependem muito, hoje, aqui em Poá, do poder público para poder realizar o trabalho.

10: E o que dificulta as apresentações na cidade? Por exemplo, o ano passado, o que aconteceu para não ter o desfile, especificamente?

Secretário: É, nós tivemos, aqui em Poá, um problema de local. Primeiro, o local. Porque Poá é uma cidade com a geografia toda acidentada. Então, a gente tinha um lugar que a gente achou ideal, que era uma avenida plana, com a dimensão legal para fazer o desfile, porém, a partir do ano retrasado, começou a construção do piscinão nesse local e a gente ficou meio limitado quanto ao espaço. Então, foi um dos fatores decisivos que implicou no cancelamento do carnaval do ano passado. Esse ano, a gente fez o carnaval em um espaço alternativo, levamos algumas críticas, alguns elogios e a gente está estudando para 2016 o que vai ser feito.

11: Como que são definidas as políticas públicas culturais em Poá?

Secretário: Eu acredito que a partir da posse do Conselho é que a gente vai ter um trabalho mais voltado para as políticas públicas.

12: Ainda com a mesma pergunta, e em relação ao público, programação e programações culturais? Como que você entende essa relação de políticas públicas, hoje, em relação ao público?

Secretário: o público, eu acredito que, nesses anos que a gente está, aqui, a frente da secretaria, a gente conseguiu aumentar muito o número do público que frequenta as atividades culturais, as peças teatrais, as apresentações musicais. Tem crescido, a gente nota que tem crescido bastante. E com essas oficinas onde tem muita criança participando, automaticamente, a gente forma um público... está formando um público para essas atividades.

13: E em relação à programação? Por exemplo, você já me disse que é baseado nas leis que são as principais atividades que vocês fazem, mas essa relação do público com a secretaria ela não acontece, ainda, de uma forma muito grande por causa do Conselho?

Secretário: Eu nem diria que não acontece por conta do Conselho. Eu acredito que a gente tenha aumentado por causa dessas oficinas que eu já te falei. Esse público que está frequentando dança, circo, ele já começa a se envolver mais nas atividades culturais da cidade. Mas a população em geral tem um pouco de... ela não se aproxima muito. A gente sente que se não for alguma coisa muito popular (*o que ele quer dizer é conhecido pelas mídias*), que tenha um nome que chame atenção, as pessoas ainda, elas são um pouco... elas relutam em participar.

14: E quais são as concepções de cultura que a secretaria tem? Por exemplo: -“Ah, a gente vai programar uma atividade...” Tem alguma preferência? “Ah, a gente entende que é melhor o popular, ou entende que é melhor...”

Secretário: É, a gente entende que é melhor mesclar. Porque, é como eu disse para você, as pessoas, elas vêm em busca, às vezes, o que chama atenção das pessoas para participar é nome, mídia. Então, a gente procura mesclar. A gente trás alguma coisa que tenha mídia e alguma coisa mais voltada para cultura realmente. Para tentar alavancar esse público que vem do popular para estar participando desse tipo de atividade.

15: E você entende que a população de Poá ela é preparada culturalmente para essas atividades?

Secretário: Então, essa é uma grande... Agora, com a inauguração do teatro, nós já estamos aí, pra terminar. Acredito que no começo de 2016, janeiro inaugure, e durante os últimos cinco anos a gente trouxe muita atividade voltada para o teatro, justamente para criar esse público. Então, eu acredito que seria nossa maior dificuldade é criar o público. E o público respondeu bem. Todas essas atrações que nós trouxemos aqui, foi muito bem recebida pela população. Agora, o maior, mais ou menos dentro do contexto que a gente tinha falado, a maior preocupação da secretaria de cultura é dar a oportunidade para as pessoas conhecerem as atividades. Porque muitas pessoas não conhecem, elas não sabem o que é teatro, elas não sabem o que é uma orquestra. Então, acho que o interessante é você estar disponibilizando essa oportunidade para as pessoas verem, conhecerem e aí sim, começarem a ter uma opinião sobre, qualquer que seja, atividade.

16: E em relação à orquestra, como que você acha que vai ser feito dentro do teatro, que é um espaço...

Secretário: Eu acho que vai ser assim: Um grande *boom* para a nossa orquestra porque vai ter um espaço adequado, com acústica adequada, projetada, realmente, para receber esse tipo de espetáculo. Eu acho que vai ser um grande salto para a orquestra municipal.

17: Como você pensa fazer essa relação para o público chegar até dentro do teatro e assistir a orquestra?

Secretário: Depende de divulgação. Precisa de muita divulgação para os eventos. A gente, hoje, usa muito a rede social para divulgar e é uma ferramenta importante para a secretaria de cultura porque atinge um público que é mais ou menos aquele que a gente tem o objetivo de atingir, são os jovens. E voltando, esse pessoal que já frequenta as atividades que são as oficinas.

ANEXO E

Atividades realizadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Poá em 2015

(dados retirados das publicações do blog da secretaria)

Janeiro

- Dança de Gala – Ballet
- Escolha da Corte Carnavalesca 2015
- Casa da Estação – Mostra de Arte Francesa
- Inscrição para Cursos de Música, circo e artes

Fevereiro

- Inscrição para o Centro Cultural de Dança (ballet, jazz, dança de salão, de rua e do ventre)
- Casa da Estação – Mostra de pintura em tela
- Casa da Estação – Mostra de pintura em tela
- Show de Eliana de Lima por conta da eleição da Corte do Carnaval 2015
- Cinema - Festival Mazzaropi
- Poá Folia 2015 – Desfile das Escolas de Samba

Março

Poá 66 anos / Programação do Aniversário da cidade:

- Show de Fábio Junior
- Show da Anitta
- Show do grupo Alma Truque
- Show do grupo Ultraje a Rigor
- Show de Victor e Leo
- Teatro Infantil – Frozen
- Teatro Infantil – Dora Aventureira
- Apresentação de João Carlos Martins e Orquestra Bachiana
- Desfile Cívico
- Corte do Bolo de Aniversário
- Food Truck com o chef Felip Cilli

Abril

- Teatro Infantil – Frozen
- Teatro Infantil – Dora Aventureira

- Inscrição para o Poá Festival 2015 – Festival de Música Popular Brasileira
- Passos da Paixão – Grupo Opereta

Maio

- Fase Eliminatória de Poá Festival:

<u>Proporcionalidade</u>	<u>Finalistas</u>
16 – Rock/POP/Reggae	04
09 – Gospel/Religiosa	02
09 – Sertanejo/Axé/Forró	02
04 – MPB/Samba/Pagode	01
03 – Rap/Hip Hop/Funk	01

- Teatro Infantil – Frozen
- Comboio Food Truck

Música com:

- Quinteto Brassuka
- Luiz Sax
- João Phayska
- Russo Jazz Band

Circuito Sesc de Artes / Programação do Sesc:

- Literatura
- Oficina de como fazer seu próprio Livro
- Teatro – Uirapuru
- Dança – Circo
- Música – Felipe Cordeiro (PA)

Junho

- Casa da Estação – mostra de pintura em tela
- Teatro Infantil – Marionetes Guarujá
- **OJEHP – apresentação em homenagem ao Dia do Cinema Brasileiro**
- Programação Férias na Praça:
- Teatro Infantil – Pedro e o Lobo
- Teatro Infantil – Em busca da boneca azul
- Teatro Infantil – O catador de lixo

Julho

Programação Férias na Praça:

- Teatro Infantil – Pedro e o Lobo

- Teatro Infantil – Em busca da boneca azul

Agosto

- Comboio Food Truck

Setembro

- Casa da Estação – exposição Expiando no Tempo
- Inscrição para Dança de Salão e Dança de Rua

Expoá 2015 / Programação:

- Exposição de Orquídeas
- Show do grupo Roupa Nova
- Show do grupo Alma Truque
- Show do grupo Titãs
- Show de Gisele e Cristoilma
- Show de Tiaguinho
- Show de Luan Santana

ANEXO F

Atividades realizadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Poá em 2014

(dados retirados das publicações do blog da secretaria)

Janeiro

- Inscrição para os cursos de oficinas da secretaria de cultura

Fevereiro

- Teatro Infantil – Coisas
- Noite de autógrafos – Livro infantil “A viajante do Trem”
- Casa da Estação – Mostra de obras no estilo arte Naif
- Poá Folia 2014 – Marchinhas de carnaval

Março

- Casa da Estação – Mostra sobre a história de Poá

Poá 65 anos / Programação de aniversário da cidade:

- Exposição – Por dentro da mente de Leonardo DaVinci
- Russo Jazz Band
- Teatro – Nelson Freitas e você
- Teatro Infantil – A galinha pintadinha com a cigarra e a formiga
- Teatro Infantil – As trapaças de um cangaceiro
- Teatro – Divórcio
- Festa do Circo
- Dança – São Paulo Companhia de Dança
- Show de Frank Aguiar
- Show de Daniel
- Show de Rita Giron e Banda
- Show do Grupo Novo Lance
- Show de Lauro e Henrique

Abril

- **OJEHP – apresentação da orquestra**
- Casa da Estação – Mostra de pintura em tela
- Teatro – São Paulo Surrealista
- Teatro Infantil – Daqui a pouco o peixe pula
- Teatro Infantil – O que sobrou do Rio

- Passos da Paixão – Apresentação do grupo Opereta
- Inscrição para oficinas do Cine(Poe)mas – programa do Governo do Estado de SP
- Inscrições para Poá Festival de Música 2014

Maio

- Casa da Estação – Mostra em comemoração a 12ª Semana de Museus

Circuito Sesc de Artes / Programação do Sesc:

- Cinema – Cine Olho
- Literatura – Os menestréis sem rima
- Circo – No Pocket
- Teatro – Corsário inversos
- Música – BNegão e Seletores de Frequência
- Teatro - Horácio

Junho

- Casa da Estação – Mostra da Festa do Divino
- Cinema – A sala 19
- Missa – Capela Santo Antônio

Finalistas do Poá Festival 2014 / Entenda a proporcionalidade:

37 - Participantes / 10 vagas / Coeficiente 3,70

Rock/Pop Rock - 18 Participantes : 3,70 = 4,86 (05 vagas)

Gospel/Religiosa - 06 Participantes : 3,70 = 1,62 (02 vagas)

MPB/Samba/Rap - 08 Participantes : 3,70 = 2,16 (02 vagas)

Sertaneja/Arrocha - 05 Participantes : 3,70 = 1,35 (01 vaga)

Copa Junina / Programação do evento:

- 1ª Fase da Copa do Mundo
- 12/06 – 16h30 – Brasil x Croácia – Apresentação da banda Novo Lance
- 13/06 – 19 horas – Festa Junina
- 14/06 – 19 horas – Festa Junina
- 15 /06 – 19 horas – Festa Junina
- 17/06 – 15h30 – Brasil x México – Apresentação da banda Doce Balanço
- 20/06 – 19 horas – Festa Junina
- 21/06 – 19 horas – Festa Junina
- 22/06 – 19 horas – Festa Junina
- 23/06 – 16h30 – Brasil x Camarões – Apresentação da banda Novo Lance
- 27/06 – 19 horas – Festa Junina
- 28/06 – 19 horas – Festa Junina (12h30 – jogo das oitavas de final caso o Brasil fique em 1º no grupo)
- 29/06 – 19 horas – Festa Junina (12h30 – jogo das oitavas de final caso o Brasil fique em 2º no grupo)

Julho

Copa Junina / Programação do evento:

- 04/07 – 19 horas – Festa Junina (16h30 – jogo das quartas de final caso o Brasil fique em 1º na chave)
- 05/07 – 19 horas – Festa Junina (16h30 – jogo das quartas de final caso o Brasil fique em 2º na chave)
- 06/07 – 19 horas – Festa Junina
- 08/07 – 19 horas – Festa Junina (16h30 – jogo da semifinal caso o Brasil fique em 1º na chave)
- 09/07 – 19 horas – Festa Junina (16h30 – jogo da semifinal caso o Brasil fique em 2º na chave)
- 11/07 – 19 horas – Festa Junina
- 12/07 – 16h30 – Festa Junina – Disputa pelo 3º lugar
- 13/07 – 15h30 – Festa Junina – Final

Agosto

- (Não há publicações de atividades para o mês de agosto)

Setembro

- Casa da Estação – Mostra de localidades importantes da cidade

Expoá 2014 / Programação do evento:

- Exposição de Orquídeas
- Para das Orquídeas – desfile cívico
- Show do grupo Raiz Coral
- Show de Ministério aos teus pés
- Show de Profetiza
- Show de Thaeme e Thiago
- Show do grupo Paralamas do Sucesso
- Show do grupo Santo Gringo
- Show de DK Cinco
- Show de W Rax
- Show de Diogo Nogueira
- Show do grupo de Alma Truque
- Show de Gian e Giovani
- Show do grupo Dólares Baiana

Outubro

- Casa da Estação – Mostra chegada da primavera
- Inscrições abertas para os cursos de dança de salão
- Musical – Triste partida
- **OJEHP – acompanhará as músicas do musical Triste Partida**

Novembro

- Gala 2014 – Ballet
- 6º Passeio Ciclístico da Primavera
- Inscrição para cursos de artesanatos
- Circo – apresentação circense
- Casa da Estação – Mostra de pintura em tela

Dezembro

- Casa da Estação – mostra de pintura em tela

Natal Encantado / programação do evento:

- **OJEHP – apresentação de músicas natalinas**
- Chegada do Papai Noel
- Estátua Viva
- Coral Municipal
- Presépio Vivo
- Apresentação do cantor lírico Jorge Durian
- Missa de Natal